



HIGHWAY, TOMSON. From oral to written. A celebration of Indigenous literature in Canada, 1980-2010. Talon Books, 2017, 432 p. ISBN 978-1-77201-116-6 (soft cover)

Eloína Prati dos Santos¹

Submetido em 5 e aprovado em 30 de abril de 2019

This is not an academic book.
I am not an academic. I don't
use academic language. I am an
artist. I use artistic language.

Tomson Highway

Tomson Highway (n. 1951, norte Manitoba) é um artista consagrado: um pianista clássico que também compõe música, incluindo uma ópera em Cree, *The journey of Pimootewin*, a adaptação musical do mito das Primeiras Nações sobre a visita do trickster² à terra dos mortos, com estreia em fevereiro de 2008, no Centro Saint Lawrence. Seu musical *Rose*³, a terceira peça do ciclo de sete peças “Rez”⁴, foi produzida em janeiro de 2000 pelo Programa de Teatro da University College, ligada à Universidade de Toronto. Sua primeira peça de teatro, *The rez sisters* (1986) foi encenada por todo o Canadá e no exterior, e em francês pelo Théâtre Populaire du Québec; recebeu um Prêmio Dora Mavor Moore que o tornou muito conhecido, assim como seu próximo espetáculo, *Dry Lips oughta move to Kapuskasing* (1989), que recebeu o Prêmio Chalmers e foi sua primeira peça produzida comercialmente no Royal Alexandra Theatre. Highway considera o teatro uma experiência próxima da contação de histórias aborígene.

Ele atuou como professor do Native Theatre School, onde foi diretor do Native Earth Performing Arts de 1986 a 1992. O NEPA é uma organização dedicada à

promoção do teatro aborígine. Por todas estas atividades artísticas, Highway foi o primeiro escritor aborígine a ser agraciado com a Ordem do Canadá (1994)

Seu único romance, *Kiss of the Fur Queen* (1998), foi aclamado por seu retrato intransigente do abuso sexual de crianças indígenas nas “escolas residenciais” e suas consequências traumáticas.

Highway retorna ao teatro com *Enestine Shuswap gets her trout* (2004), ambientado em 1910, quando o “Big Kahoonah of Canada” (o Primeiro Ministro) visita o Vale do Rio Tompson, onde os mundos nativo e não nativo colidem. Em 2009 foi encenada em francês, no Theatre Espace Go. *The (Post)Mistress* estreou como um cabaré intitulado *Kisageetin*, em 2009 e foi desenvolvido em um musical no palco principal do Magnus Theatre (janeiro de 2011), onde Highway musicou a peça durante sua permanência como Dramaturgo em Residência (2008-2009). Neste tour de force de uma só atriz, a encarregada do Correio de uma pequena cidade do norte do Canadá conta as histórias contidas nas cartas que manuseia diariamente. São doze peças musicais diversas, indo do cabaré berlinense ao café *chanson* francês e a suave bossa nova que

acompanham o libreto em francês, inglês e cree. A trilha sonora da peça foi lançada em 2014 e ganhou uma indicação ao Prêmio Juno de 2015.

Ele também publicou três belos livros infantis ilustrados, escritos em cree e em inglês, *Caribou Song* (2001, selecionado como um dos Top 10 Children’s Books pelo jornal canadense *The Globe and Mail*), *Dragonfly Kites* (2001) e *Fox on the ice* (2003).

As duas publicações de não ficção de Highway são muito relevantes para sua visão das culturas indígenas: *Comparing mythologies* (2003), é o tema central de suas aclamadas peças de teatro: como é formada a cultura canadense contemporânea, uma mistura das mitologias aborígenes com a mitologia ocidental e tema de uma palestra que ele proferiu na FURG, em Rio Grande, RS (dezembro de 2007), em uma de suas primeiras visitas ao sul do Brasil. *A tale of monstrous extravagance: imagining multilingualism* (2015), é a transcrição de uma palestra que percorre as linguagens e as comunidades que moldaram sua vida (e sua arte), cree, dane, latim, francês, inglês, espanhol, e a linguagem universal da música.

O dramaturgo, escritor e músico recebe inúmeros prêmios além dos relacionados à sua arte, como seis doutorados honorários, Escritor-em-Residência nas universidades de Toronto, Concordia, British Columbia e Simon Fraser (Kamloops campus), o Prêmio Canadian Theatre Critics Association's Biennial Herbert Whittaker-CTCA (2015) por sua contribuição ao teatro canadense e sua influência e inspiração para artistas das Primeiras Nações. Ele também já palestrou em instituições canadenses e estrangeiras; é um palestrante muito requisitado e já falou em mais de 50 países até hoje.

From oral to written. A celebration of Indigenous literature in Canada, 1980-2010, é de fato uma grande “celebração”. Highway escreveu resenhas detalhadas de mais de 100 publicações de escritores das Primeiras Nações canadenses, comunidades Métis e Innu de todo o Canadá, contemplando teatro, poesia, não ficção, biografia e autobiografia, com uma seção sobre a literatura dos jovens. O livro ainda inclui um prefácio de 34 páginas, notas sobre a língua cree e outras línguas, um glossário original, com verbetes mais longos, sobre as culturas indígenas do Canadá. Todas as resenhas

são indexadas por grupo cultural, por autor e por título, com um completo Histórico das Publicações.

O prefácio contém vários dos assuntos preferidos do autor, línguas indígenas, mitologias, os efeitos das “escolas residenciais”, em grande parte muito cruéis, mas com a “vantagem” de iniciar as crianças aborígenes no inglês (e no francês), permitindo que mais tarde conseguissem frequentar escolas públicas e universidades; políticas públicas e os aborígenes e literaturas indígenas, tudo apoiado em elementos de sua autobiografia que influenciaram sua música e sua escrita.

A publicação cobre os 30 anos em que os escritores indígenas foram publicando mais livros, a maioria em inglês e em francês, revelando suas verdadeiras vozes a seus povos e aos não indígenas. “Um registro”, diz Highway, “da emergência de uma forma escrita de contação de histórias a partir das cinzas, por assim dizer, de uma tradição oral” (p. xii). O período marca um legítimo movimento das Literaturas Indígenas no Canadá, mas ele também lembra a seus leitores o trabalho relevante de autores de antes deste período. Um dos pais deste revivalismo da memória indígena

é o trabalho do artista visual Ojibwa Norval Morrisseau, o primeiro a exibir sua pintura em Toronto, em 1964. “Até esta data”, diz Highway, “o mundo não indígena estivera sob a impressão de que éramos um povo sem uma história, uma religião, uma filosofia, uma mitologia, uma teologia, um alma, um sonho ou mesmo uma língua [...] Agora, aqui nesta galeria no centro de Toronto, a sociedade branca foi introduzida ao mundo mágico que é a mitologia indígena, um sonho habitado pelos mais extraordinários seres e eventos” (p. xxiii)⁵. Oh-ma-ma-ma, a Grande Deusa Mãe, que deu à luz o planeta e o Trickster, “aquele palhaço cósmico”, entre outros seres centrais às culturas e às literaturas indígenas. “Aqui estava uma visão que voltava séculos, talvez mesmo a um tempo anterior à escritura da Bíblia. Aqui estava uma tradição narrativa que voltava aos primórdios da consciência humana, não só na América do Norte, mas neste planeta” (p. xxiv).

Highway também relembra o White Paper de Pierre Trudeau que, em 1969 propôs a eliminação do sistema de reservas e a assimilação dos povos indígenas na sociedade branca. A resposta irada a esta proposta foi profunda o suficiente para

acordar vozes adormecidas por uma centena de anos e trazer à luz os escritos do Pastor Metodista Ojibwa George Copway (1851), do Métis Louis Riel (1886) e da Mohawk-Inglesa Pauline E. Johnson (1912) e para inspirar o livro de um homem Cree de Alberta, Harold Cardinal, *The unjust society* (1969), os resenhados no livro.

O autor volta a seu ingresso na Universidade de Manitoba, em 1970, quando não havia Literatura Canadense, uma vez que ela dividia espaço com as mais antigas e mais consolidadas literaturas inglesa, irlandesa, francesa e estadunidense. Foi através do livro *Survival*, de Margaret Atwood (1972) que ele descobriu em um dos primeiros cursos universitários de Literatura Canadense, oferecido em 1973, “histórias ambientadas em Neepawa, Manitoba, nas pradarias de Saskatchewan, em London, Ontario” (p. xxvii), e autores canadenses como Susana Moodie, Margaret Laurence, Sinclair Ross, Robertson Davies, Sheila Watson, Gabriele Roy e vários outros. Com estas leituras, visitas aos locais onde as histórias eram situadas, como o anjo de pedra de Laurence no cemitério de Neepwa, e o encorajamento de James Reaney, seu professor na London University of Western Ontario, para onde

havia se transferido, que Highway começa a escrever, como diz, “depois de haver sobrevivido geografias impossíveis e autoimagens suicidas” (p. xviii), como os demais jovens indígenas de todo o Canadá. Ou seja, “há trinta anos atrás nenhuma universidade no Canadá tinha um Programa de Estudos Indígenas. Agora todas têm.” (p. xxx). Pela primeira vez na história estudantes indígenas “têm uma literatura que não os retrata como selvagens, canibais, perdedores, bêbados, perpétuas vítimas. Eles têm uma literatura que contém personagens quadridimensionais [...] uma literatura que os coloca em cores que são psicologicamente complexas e sofisticadas. Eles têm uma literatura que valida sua existência, que lhes dá dignidade, que lhes diz que eles, suas culturas, suas ideias, suas linguagens são importantes, se não absolutamente essenciais para a sobrevivência de longo termo do planeta” (p. xxx).

Highway acredita que este conhecimento levará os jovens de volta para suas comunidades, os empoderará e a próxima geração será mais saudável, mais forte e pessoas mais funcionais contribuirão “para um país que deixou para trás uma separação de suas Primeiras

Nações semelhante ao apartheid” (xxx). Com este objetivo em mente, os livros que ele inclui nesta publicação se dirigem a esta raiva oriunda da vitimização e trabalham com a superação desta raiva e desta vitimização. Ele ainda menciona o problema de escrever em inglês ou em francês, línguas que não capturam a mágica de sua mitologia, mas lhes dão um acesso mais universal a leitores de todas as origens. Os livros em francês estão resenhados em inglês e a eles se acrescenta a lista da “literatura dos jovens escritores”, uma vez que são em menor número.

Ele teve o cuidado de resenhar trabalhos de escritores de várias regiões canadenses, de várias comunidades e culturas indígenas de todo o Canadá: Haida da Columbia Britânica, Mi'kmaq da Nova Escócia, Ojibwa de Ontário central, Innu da costa norte do Quebec, Loucheux de Old Crow, Yukon, Mowhawks do sul de Ontário, Cree do centro de Saskatchewan, Inuit de Nunavut, Métis de Alberta, Tlicho (Dogrib) dos Territórios Setentrionais e os Beothuks da Terra Nova (p. xxxiii).

O autor nos deixa livres para considerar o livro “uma fascinante coleção de publicações de escritores indígenas”, “uma conversa animada com seus leitores

devotados sobre seus livros favoritos”, “que os vai divertir e enriquecer” (p. xxxiii).

Eu acrescento que é um largo caminho aberto e um extenso guia de leitura para todos que quiserem oferecer cursos sobre a literatura indígena do Canadá e a história de seus Primeiros Povos, bem como material precioso para teses de doutorado, pesquisas e artigos críticos sobre este grupo de autores, que pode ser dividido em vários temas, estilos e culturas, não somente no Canadá, pois literatura de qualidade enriquece leitores e pesquisadores mundo afora.

Notas

¹ Professora Aposentada do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. eloinaprati@gmail.com.

² A figura do *trickster* nas culturas indígenas das Américas é um ser que encarna a imaginação e libera a mente; pode assumir várias formas; é andrógono, encantador, lascivo, amoral, cômico, presente sob muitas formas, a do coitado a mais conhecida, para promover o discurso irreverente e um jogo de linguagem liberadores. Por pregar muitas peças, truques, nos demais personagens, chamam-no “*trickster*”.

³ Apresentada em pocket show na praia Cassino, Rio Grande, RS, no bar Larus, em companhia da cantora e atriz canadense-peruana Patrícia Cano e do saxofonista Marco Porfirio, em dezembro de 2007, com organização da Professora da FURG, Rubelise da Cunha.

⁴ Uma abreviatura de “*reservation*”.

⁵ Traduções da resenhista.